



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MARIA DE FÁTIMA ALCÂNTARA DE ARAÚJO

**PLANEJAMENTO DE ENSINO:
REDISCUTINDO CONCEPÇÕES E PRÁTICAS**

CAJAZEIRAS - PB

2007

MARIA DE FÁTIMA ALCÂNTARA DE ARAÚJO

**PLANEJAMENTO DE ENSINO:
REDISCUTINDO CONCEPÇÕES E PRÁTICAS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria de Lourdes Campos.

CAJAZEIRAS - PB

2007



A659p Araújo, Maria de Fátima Alcântara de.
Planejamento de ensino: discutindo concepções e práticas / Maria de Fátima Alcântara de Araujo.-
Cajazeiras, 2007.
45f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2007.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Planejamento de ensino. 2. Educação infantil - planejamento. 3. Ensino fundamental. 4. Prática de ensino. I. Campos, Maria de Lourdes. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.014.5

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditam na Educação como primícia para um mundo infinitamente melhor.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela escolha, pelo chamado e por ter cuidado da minha vocação.

Aos meus pais, obrigado por ter acreditado e investido em mim. Se hoje sou uma consagrada a Deus, foi porque vocês deram sim a família.

A minha orientadora Ms. Maria de Lourdes Campos pela dedicação e paciência nos momentos mais difíceis para a realização deste trabalho.

Aos meus professores do Curso de Pedagogia que contribuíram para a minha formação, em especial ao professor Rômulo José Feitosa que me fez descobrir a beleza de ensinar e aprender com sentido.

Aos meus irmãos da Comunidade Remidos no Senhor, com quem partilho esse momento de grande alegria. Renovo o meu compromisso, de dedicar a minha vida em favor da obra de Deus e cada um de vocês.

Enfim, a todos os que contribuíram, diretamente ou indiretamente para que pudesse concluir o Curso de Pedagogia.

“A educação é um ato de coragem e afeto. Coragem, porque não será a máquina ou o computador que substituirão o maestro da orquestra, o regente do processo de saber, a essência da educação: o professor. Nesse contexto, a educação torna-se ainda mais importante. Afeto, porque educar é um ato de amor ao próximo e a si mesmo. Quem educa não apenas ensina como, permanentemente, aprende. Crescem ambos os que estão envolvidos nesse diálogo, o mestre e o aprendiz”.

Gabriel Chalita (2005, p. 16)

RESUMO

O estudo da temática planejamento de ensino: discutindo concepções e práticas, foi realizada no Instituto Educacional “Vida Nova”, Escola privada da cidade Pombal – PB, com 10 professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental, com o objetivo de analisar o processo de planejamento desenvolvido pelos professores na Escola, na perspectiva de identificar as dificuldades vivenciadas no planejamento. Optou-se por um estudo de caráter exploratório como forma de melhor esclarecer o tema. Como instrumento de coleta de dados foram aplicados questionários contendo questões abertas e fechadas, no sentido de investigar: quais as dificuldades vivenciadas durante o processo de planejamento e qual a contribuição do planejamento no cotidiano de sala de aula. Os resultados do estudo apontam que as atividades de estágio possibilitaram compreender como se realiza o planejamento de ensino na escola e as práticas desenvolvidas no cotidiano de sala de aula, além de perceber através das discussões um novo olhar das professoras referente ao planejamento.

Palavras – chave: planejamento – formação – estágio.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 REFLEXÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DO PLANEJAMENTO DE ENSINO.....	09
2.1 Breve histórico do planejamento	09
2.2 Concepções de planejamento	12
2.3 Funções do planejamento	15
2.4 Perspectivas de planejamento.....	17
3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....	20
3.1 Objetivos	20
3.2 Instrumentos de coletas de dados	21
3.3 Caracterização do campo de estudo	21
4 ANÁLISE DOS DADOS	26
5 DISCUSSÕES E REFLEXÕES DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO	30
CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

Considerada um espaço de transmissão e construção de conhecimentos, a escola vem sendo pressionada a adaptar-se às transformações ocorridas historicamente na sociedade moderna que começa a exigir, para o mercado de trabalho, mão de obra qualificada, em diversos setores e em menor tempo possível, a qual deverá ser preparada pela própria escola, uma formação que atenda às necessidades da sociedade atual capitalista e consumista, que procura transformar os valores culturais em valores de consumo, de formação para a informação.

Vivemos um momento caracterizado pela velocidade das mudanças. Mal conseguimos acomodar uma transformação, já surge outra gerando a desestabilização. Certamente nunca antes as mudanças das técnicas, de economia e dos costumes foram tão rápidas e desestabilizantes.

Embora tenha havido uma verdadeira revolução nesse campo nos últimos anos, a formação deixa muito a desejar. Existe uma certa dificuldade para colocar em prática concepções e modelos inovadores. A mudança na maneira de ensinar tem de ser feita com consistência e baseada em práticas de várias gerações. Segundo Antonio Nóvoa (2001, p. 12) “é preciso estar aberto às novidades e procurar diferentes métodos de trabalho, mas sempre partindo de uma análise individual e coletiva das práticas”.

O trabalho do educador é tão complexo e importante que não pode ser improvisado, feito de qualquer jeito. Cada professor, conhecendo os alunos com os quais trabalhará, precisa saber o que vai ensinar, para quê e como fará isso ao longo do trabalho educativo. Assim também, a escola como um todo, a partir das diretrizes gerais, define-se estabelecendo prioridades e ações, através da construção do seu Projeto Político - Pedagógico.

Ao longo dos últimos anos, o planejamento vem sofrendo um desgaste, chegando a uma situação de descrédito e total burocratização, gerando uma situação na qual professores fingem que planejam e escolas fazem de conta que o planejamento ocorreu.

Logo, é essencial enfatizar que o planejamento de ensino implica especialmente em uma ação refletida. É preciso desfazer a cultura do planejamento como uma prática meramente técnica, fazendo com que o professor atue como um profissional prático-reflexivo, capaz de conceber, executar, avaliar e replanejar criticamente o seu próprio trabalho.

Despertando a necessidade do planejamento como instrumento que muito contribuirá para a transformação da realidade, na busca de novos horizontes.

O planejamento é um processo que exige organização, sistematização, previsão, decisão e outros aspectos na intenção de garantir a eficiência e eficácia de uma ação. Está inserido em vários setores da vida social. Do ponto de vista educacional, o planejamento é um ato político-pedagógico porque revela intenções e a intencionalidade, expõe o que se deseja realizar e o que se pretende atingir.

O que é importante, do ponto de vista do ensino, é deixar claro que o professor necessita planejar, refletir sobre sua ação, pensar sobre o que faz, antes, durante e depois. Neste sentido, este estudo objetiva discutir e analisar quais as dificuldades vivenciadas pelos professores durante o processo de planejamento? Qual a contribuição do planejamento no cotidiano de sala de aula?

Este estudo surgiu como forma de refletir e discutir o processo de planejamento com os professores, do Instituto Educacional “Vida Nova” da cidade de Pombal – PB. Optei por trabalhar a temática planejamento de ensino: discutindo concepções e práticas, tomando como base a minha experiência como coordenadora pedagógica do referido Instituto, e a percepção das reais necessidades existentes na comunidade escolar, referente à questão do planejamento de ensino.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos: no primeiro apresento as questões teóricas, possibilitando reflexões sobre o processo do planejamento de ensino; concepções de planejamento; funções do planejamento e perspectivas de planejamento.

No segundo capítulo - os procedimentos metodológicos; os objetivos; o instrumento de coleta de dados; universo da amostra; a caracterização da escola trabalhada.

No terceiro capítulo – análise dos dados coletados através do questionário contendo questões abertas e fechadas, com professores do Instituto Educacional “Vida Nova”.

No quarto capítulo, as discussões e reflexões das atividades desenvolvidas no estágio supervisionado.

Por fim, as conclusões do trabalho, como uma possibilidade de redirecionar à prática pedagógica do educador.

2 REFLEXÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DO PLANEJAMENTO DE ENSINO

2.1 Breve histórico do planejamento

Para entendermos as questões relacionadas ao planejamento é necessário contextualizar sua inclusão na dimensão sócio-político-econômico-cultural. Segundo Gandin (1995, p. 55), “foi a partir do desenvolvimento comercial e industrial ocorrido com o advento do capitalismo que se iniciou a preocupação em planejar na área de economia, expandindo-se, em seguida, aos diversos campos do conhecimento”. O planejamento passou, então, a ser uma preocupação social, estendendo-se à áreas como educação, saúde, moradia, etc. Logo, o planejamento está presente em diversas instâncias da sociedade, relacionando-se com a vida diária do homem.

Segundo Padilha (2003, p. 63) planejar é um processo que:

[...] visa a dar respostas a um problema, estabelecendo fins e meios que apontem para sua superação, de modo a atingir objetivos, pensando e prevendo necessariamente o futuro, mas considerando as condições do presente, as experiências do passado, os aspectos contextuais e os pressupostos: filosófico, cultural, econômico e político de quem planejam e com quem se planeja.

Entende-se dessa forma, que o planejamento não é apenas uma técnica, nem um instrumento para organizar a ação do professor, mas também uma prática social histórica. Constitui as decisões políticas, capazes de transformar e dinamizar ações que venham ao encontro dos interesses de uma coletividade. O planejamento ocorre quando temos um objetivo em vista e para alcançá-lo, então, planejamos e não improvisamos.

Com o Golpe Militar de 1964 já implantava a repressão, impedindo rapidamente que um trabalho mais crítico e reflexivo, no qual as relações entre educação e sociedade pudessem ser problematizadas, sendo vivenciado pelos educadores, criando assim um “terreno” propício para o avanço daquela que foi denominada “tendência tecnicista” da educação escolar.

Dessa forma, o que era permitido, incentivado e não oferecia nenhum perigo ao “regime” mantinham-se às discussões dos problemas internos da escola, analisados pela ótica das técnicas e recursos de ensino e aprendizagem.

Foi nesse contexto – Ditadura Militar, em que não havia espaço para reflexão, crítica e problematização para além dos muros escolares que as propostas baseadas nas “teorias de processos sistêmicos” encontraram terreno fértil para uma aprovação não crítica por parte dos educadores. Assim, especificamente a partir de 1970, os professores do Estado de São Paulo “treinaram-se” a respeito dos “componentes do planejamento de ensino”: objetivos, conteúdos, estratégias e avaliação.

Segundo Fusari (1989, p.49):

Foi a partir de julho de 1970, tendo como fundamentação teórica básica o behaviorismo americano, que os professores foram iniciados na técnica de elaborar planejamento, desenvolvendo habilidades específicas na operacionalização de objetivos, seleção de estratégias de ensino coerentes com os objetivos e conteúdos e, finalmente, na organização da avaliação dos objetivos educacionais propostos.

Dessa forma o planejamento de ensino, por muito tempo, foi concebido como um documento para atender apenas às exigências burocráticas das instituições de ensino, portanto, descontextualizado da realidade social. Sendo valorizado ao longo da história apenas pela concepção técnica, onde o professor copia anualmente dos livros didáticos ou dos planos dos anos anteriores: objetivos, conteúdos, recursos, estratégias e avaliação, repetindo a mesma receita para diferentes clientela, com efeito, esse padrão de planejamento não estabelecia um vínculo estreito com o aluno.

Uma das origens das influências tecnicista no planejamento pode ser localizada no início dos anos 70, em São Paulo, quando a Secretaria de Estado da Educação iniciou o processo de treinamento de professores. Nesse processo, dentre outros temas, o planejamento de ensino foi selecionado e trabalhado junto aos docentes da Rede Estadual de Ensino como um todo.

Durante décadas, o professor foi obrigado a fazer planejamentos que não tinham nada a ver com o seu dia-a-dia. Para muita gente, planejar significava copiar o índice do livro e esse engano levou algum tempo para ser desfeito.

Até então o planejamento de ensino não tinha sido incluído como parte integrante do fazer pedagógico, caracterizando-se inclusive como um processo de desconforto no

cotidiano do professor, como afirma Lima (2002, p.25) no texto Carbono para Planejamento, sobre o diálogo de uma professora iniciante na profissão com uma amiga:

É sobre o maldito planejamento de ensino. Eu não sei por onde começar [...].- Lá na escola quem faz o plano é a Dona Chiquinha. Ela datilografa as cópias com carbono para facilitar. Imagine se eu vou perder tempo com isso. O diretor nem verifica: ele pega, dá uma olhada por cima e tranca na gaveta.

Por não atender às necessidades que surgem na educação contemporânea, esses modelos de planejamento vêm sendo superados gradativamente pela perspectiva crítica do fazer pedagógico, que prioriza o aprendizado a partir das interações entre o sujeito que ensina e o sujeito que aprende, revelando-se como um processo dinâmico.

Mais do que um roteiro organizado das atividades didáticas, o planejamento de ensino, neste novo momento da educação assume um papel político e social no sentido de favorecer a ação, reflexão e ação da prática exercida pelo professor.

De acordo com essa visão, o planejamento assume uma concepção política relacionada à valorização do conhecimento que o aluno traz consigo e na capacidade que o professor deve ter de estabelecer suas ações para intervir nos conhecimentos prévios.

Devido às diversas situações em que o planejamento é produzido, pode ser classificado em educacional, coletivo, curricular, escolar, participativo e de ensino. Essa organização não é fixa, conforme diferentes autores que tratam do assunto, mas guardam entre si uma relativa estabilidade. No meio escolar quando se fala em planejamento, normalmente ele é associado ao processo de definir os objetivos, os conteúdos programáticos, os procedimentos de ensino, os recursos didáticos, as normas da avaliação da aprendizagem e a bibliografia consultada.

Assim, como não se levanta um prédio sem plantas e cálculos, não se constrói educação sem planejamento. A fórmula para planejar é simples. Definir objetivos, pensando nos interesses e nas possibilidades do aluno, no caminho para alcançá-los, com materiais, espaços, técnicas e tempo disponíveis.

2.2 Concepções de planejamento

É de suma importância lançar um olhar sobre esta temática, porém, com uma visão diferente e inquietante que seja capaz de fazer refletir a prática e construir um novo modo de realizar o planejamento.

Segundo Menegolla e Sant'Anna (2005, p.15) “parece haver, entre os professores, uma idéia de que o planejamento é desnecessário e inútil por ser ineficaz e inviável na prática”. Isto é, para eles, na prática nada acontece do que é planejado.

Diante do descaso demonstrado ao planejamento, faz-se necessário reconstruir essa prática por meio de estudos mais profundos e coerentes à realidade escolar, Gandin (1995, p. 35) afirma que:

O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, que articula a atividade escolar e a problemática desse contexto. É o fundamento de toda ação educacional regular que conduz à transformação do homem e da sociedade.

Percebe-se, que nesse contexto o planejamento constitui-se como instrumento importante e necessário para a intervenção da realidade existente, e como um referencial para a condução da atividade docente.

No contexto atual, é necessário levantar possibilidades e alternativas viáveis, articulando e colocando em ação conhecimentos, habilidades e valores, democratizando o saber para reconstruirmos a visão de mundo que levamos séculos para sedimentar, mas que já não atende às exigências do mundo atual.

De acordo ainda com Menegolla e Sant'Anna (2005, p.18):

Entende-se por planejamento um processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego dos meios materiais e dos recursos humanos disponíveis, a fim de alcançar objetivos concretos, em prazos determinados e em etapas definidas, a partir do conhecimento e avaliação científica da situação original.

Pensar o futuro, avaliar o contexto no qual atua, avaliar os recursos de que dispõe e decidir sobre as melhores alternativas de como mobilizar e direcionar estes recursos significa

uma considerável ampliação da capacidade das instituições em alcançar os seus objetivos, de forma a atender às necessidades escolares.

É preciso refletir sobre a ação enquanto ela está se processando. Esse movimento de ação, reflexão e replanejamento para retornar a ação, segundo Vasconcelos (1996, p.16) “exige uma constante avaliação, tendo como um instrumento para o aperfeiçoamento da prática exercida pelo professor”.

Para Dalmás (1989, p. 18) “O planejamento é o processo de transformar idéias em ação, ou seja, é o processo de intervir na realidade existente retirando, incluindo, enfraquecendo ou reforçando idéias e, assim, transformando estruturas”. Sob esta perspectiva, o planejamento deixa de ser um momento para elaborar planos ou julgar a aprendizagem do aluno, para servir como momento capaz de mudança, avanço e progresso da prática exercida.

Fernandes (1993, p. 23) define o planejamento como “um processo que consiste em preparar um conjunto de decisões tendo em vista agir, posteriormente, para atingir determinados objetivos”. O planejamento nesse caso envolve a previsão de resultados desejáveis, assim como também os meios necessários para alcançá-los.

Conforme Vasconcelos (1996, p.43) “o planejamento é o processo de reflexão, de tomada de decisão [...] enquanto processo, ele é permanente”. Se pensarmos o planejamento como parte de um processo de construção da pessoa e mais, de uma sociedade veremos que muitos conteúdos pré-estabelecidos são completamente inúteis, então precisaremos de um planejamento que tenha como perspectiva a construção de uma realidade através da transformação da realidade existente. Podemos, também, entender por planejamento uma ação que se dar de forma consciente e intencional, requerendo uma tomada prévia de decisões.

De acordo ainda, com Padilha (2003, p.31):

Planejamento é o processo de análise crítica que o educador faz de suas ações e intenções, onde ele procura ampliar a sua consciência em relação aos problemas do seu cotidiano pedagógico, à origem deles, à conjuntura na qual aparecem e quais as formas para a superação dos mesmos.

O planejamento deve ser visto pelo educador como um instrumento de ação flexível na sua prática educacional. Se não houver flexibilidade no planejamento, ele pode não corresponder às necessidades dos educandos, não dando continuidade ao caminho para se chegar aos objetivos. A flexibilidade do planejamento possibilita uma adequação dos objetivos educacionais às necessidades e à realidade dos educandos.

Portanto, o planejamento significa transformação e revolução. Segundo Libâneo (1991, p. 222) “só consegue seus objetivos quem realmente assume um processo de planejamento”. Dessa forma, não se deve pensar em ensinar, sem um planejamento, pois o mesmo desvenda o sentido profundo da existência de propostas, capaz de mudar o ambiente escolar, com técnicas de ações educativas, cabendo ao educador saber utilizá-las no seu trabalho docente.

Os conceitos supracitados comungam com a concepção de planejamento como um processo contínuo e sistematizado que faz parte do processo ensino-aprendizagem, de forma a orientar o educador na elaboração de atividades de forma que alcance os objetivos propostos.

Portanto, os autores deixam claro a necessidade de conceber o planejamento como uma contínua busca da compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas oportunidades de conhecimento. Processo este, que implica em uma reconstrução do significado do ato de planejar, que acontecerá na reflexão sobre a prática existente, pautado na vontade de mudar.

Segundo Luck (2004, p. 89):

A avaliação deve ser um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisões. Deve ser encarada como um sintonizador da nossa vontade de melhorarmos sempre mais.

A avaliação pode ser usada como instrumento para o professor obter informações da real situação de seus educandos, identificando os pontos fracos e trabalhando a partir destes, incluindo, portanto, esses alunos no processo de ensino aprendizagem. Como também, é uma maneira de tentar conhecer, com mais clareza, o que ele está fazendo o que mais precisa fazer, qual é a melhor forma de fazer para atingir os objetivos. É uma ferramenta que possibilita mudança de toda ordem. Constantemente promove questionamentos, reavaliação, transformação face à investigação do novo, em função de ser um processo infinito de reconstrução.

A atual prática pedagógica exige uma nova visão de avaliação nas quais os resultados sejam avaliados periodicamente para que seja possível rever e corrigir possíveis desvios. A avaliação é um processo contínuo e complexo com atividades vinculadas à realidade cotidiana da sala de aula.

Desse modo menciona Menegolla e Sant'Anna (2005, p. 21):

[...] o próprio ato de planejar deve se submeter a uma constante avaliação durante todo o processo. Avaliação do processo de planejamento deve ser mais criteriosa e científica, para se evitar falhas na sua elaboração e estruturação. O planejamento deve ser constantemente avaliado e reavaliado, para se poder observar a concordância ou discordância entre os seus elementos constitutivos.

Todo educador é avaliado e deve avaliar continuamente para melhorar o processo de ensino e aprendizagem, cultivando a responsabilidade ética, pois a avaliação sempre inclui uma dimensão de discernimento.

2.3 Funções do planejamento

Observamos que as funções do planejamento no contexto escolar, ainda suscitam discussões no espaço educativo dado à concepção conservadora de alguns educadores em relação ao ato de planejar. Em muitos casos, a resistência em repensar o planejamento parte de questões relacionadas à finalidade a que este foi submetido durante muito tempo: o de documento meramente burocrático, desvinculado da intervenção pedagógica.

O planejamento sempre esteve presente na história da humanidade, é considerado fundamental para a sobrevivência do ser humano, na medida em que pode dar maior eficiência às suas atividades para se obter metas pré-estabelecidas, ajuda na organização para alcançar os objetivos desejados além de auxiliar no estabelecimento de prioridades para as tomadas de decisões.

Segundo Ferreira (1987, p. 43):

Seja sob a “pedagogia tecnicista” dos anos setenta seja sob a “pedagogia da qualidade total”, que gradativamente se instalou nos anos noventa, percebe-se o planejamento como um instrumento que coloca a educação a serviço do status quo, sendo considerado como um exercício exclusivamente técnico e de técnicos, estando normalmente fora do alcance dos professores-educadores.

Na pedagogia tecnicista, a educação se organizava de forma racional, como se fosse possível eliminar a subjetividade do processo educacional. Segundo Fernandes (1993, p. 43): “Os programas de qualidade total dos anos noventa tinham como metas, o planejamento, organização e controle desenvolvendo a capacidade da empresa estabelecer planos para

atingir os objetivos propostos”. Quanto à educação, esses programas, gradativamente implantados em algumas escolas, vêem o plano escolar como registro das estratégias de ação. Cabe à educação, em uma e outra pedagogia, cumprir a função de formar indivíduos eficientes, produtivos, que contribuam para o aumento da produtividade da sociedade.

É claro que os treinamentos de educadores nos anos 70 refletiram, e muito, esta tendência que valorizava fundamentalmente os meios, as tecnologias e os procedimentos de ensino apresentados sempre “neutros”, “eficientes” e “eficazes”. E isto teve conseqüências negativas na educação escolar brasileira que perduram até hoje.

As críticas à pedagogia tecnicista com a intenção de superá-la, levaram à negação de suas propostas. Também a interpretação dada à educação centrada na iniciativa e necessidade do aluno levou muitos professores a acreditarem que as propostas de ensino emergiam, somente, do interesse imediato demonstrado pelo aluno. A prática do planejamento vista como tarefa burocrática, contribuindo para a sua desvalorização e o seu desuso.

Na pedagogia tradicional, o professor é tido como o responsável pelo planejamento não considerando nem os interesses, nem as necessidades dos alunos, o que acontecia era uma prática pedagógica voltada para a construção da moralidade.

Igualmente, o papel da escola estava em difundir a instrução constituindo o professor como o centro de toda a transmissão do conhecimento, aos alunos cabiam a submissão dos métodos dos seus mestres, na tentativa de assimilar os saberes que lhes eram transmitidos. Com o passar do tempo, a escola tradicional se revelou ineficaz e outra teoria da educação foi surgindo à escola nova. Os escolanovistas criaram outras formas de organização do ensino problematizando o papel do educador e do educando, assumindo um compromisso com a transformação da escola. Para eles, o aluno deveria ser o construtor de seu próprio conhecimento, não apenas um receptor de idéias lançadas pelo professor.

A influência do “escolanovismo” nos treinamentos, principalmente o que chegou às escolas públicas, acabou reforçando muito a noção de que atividades, métodos e técnicas resolveriam a improdutividade da escola, deixando mesmo o conteúdo – aprendizagem da cultura universal – segundo plano. As mudanças desejadas nos treinamentos acabaram-se assim: uma prática acompanhada de um discurso onde a “liberdade” da escola nova triunfa em relação ao “autoritarismo” da escola tradicional.

Esta nova forma de organização do trabalho pedagógico contemplava: a globalização, o interesse e a participação dos alunos bem como uma reorganização do espaço

da sala de aula. Nesse movimento de reestruturação da forma de planejar os conteúdos passaram a ser organizados de forma globalizada em oposição à escola tradicional, que os fragmentava.

As diferentes maneiras de planejar o ensino têm sido empregadas ao longo da trajetória da escola, que vão desde a listagem de conteúdos da educação tradicional passando pela organização destes, constituídos em torno de interesse dos escolanovismo, ou ainda as questões interdisciplinares, caminhando por temas geradores na pedagogia libertadora até os projetos de trabalhos da pedagogia crítico-social dos conteúdos que, segundo Luck (1991, p.68) “[...] indicam o quanto os profissionais da educação ainda precisam aprofundar estudos em seu campo de atuação e necessitam eleger uma teoria epistemológica para estruturar o trabalho docente, uma proposta metodológica coerente”.

2.4 Perspectivas de planejamento

Falar de planejamento implica em elaborar diversos enfoques no qual ele está inserido. No contexto escolar, o planejamento constitui-se como instrumento importante e necessário e como referencial para a condução da atividade docente. Há de ser, todavia um planejamento aberto e flexível. O Planejamento escolar é um processo de racionalização, organização e coordenação da atividade do professor, que articula o que acontece dentro da escola com o contexto em que ele se insere.

Segundo Padilha (2003, p. 15):

Trata-se de um processo de reflexão crítica a respeito das ações e opções ao alcance do professor. Por isso a idéia de planejar precisa estar sempre presente e fazer parte de todas as atividades – senão prevalecerão rumos estabelecidos em contextos estranhos a escola e/ou professor.

O planejamento embasa a elaboração, o desenvolvimento e avaliação de planos de ensino e o preparo de aulas. Traduz-se numa atitude e vivência crítica permanente diante do trabalho pedagógico, possibilitando ao conjunto da equipe de profissionais da escola conhecer, apropriar-se e participar do projeto educacional em desenvolvimento.

Padilha (2003,p.19) define que: “o planejamento de ensino é o processo de decisão sobre a atuação concreta de seu trabalho pedagógico, envolvendo as ações e situações, em

constantes interações entre professor e alunos e entre os próprios alunos”. Esse nível de planejamento trata do processo de tomada de decisões bem informadas que visem à racionalização das atividades do professor e do aluno, na situação de ensino-aprendizagem.

Outra forma de planejamento é o projeto político pedagógico que é construído coletivamente e ao longo do processo de realização, avaliação das atividades, replanejamento e redefinição de rumos da escola. Nessa perspectiva, é importante ressaltar que o projeto político-pedagógico é um espaço de construção de autonomia, que valoriza a identidade da escola e chama a si as responsabilidades da participação democrática na construção do seu cotidiano.

Nos dias atuais os debates envolvendo questões relativas ao Projeto Político-Pedagógico vêm se tornando freqüentes. Uma das razões se dá pela obrigatoriedade legal. Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDB 9.394/96, se dar à incumbência as instituições para elaborar suas propostas pedagógicas. Foi-se o tempo em que as Secretarias da Educação determinavam o currículo e a metodologia, fazendo com que as escolas se limitassem a fazer relatórios sobre seu desempenho.

O projeto político-pedagógico é um elemento norteador das ações a serem desenvolvidas, é construído coletivamente a partir das reflexões de todos os que fazem parte da escola, inclusive pais e comunidade. Como afirma Veiga (1995, p.35):

O projeto político-pedagógico vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas. O projeto não é algo que é construído e em seguida arquivado, ou encaminhado às autoridades educacionais como prova do cumprimento de tarefas burocráticas. Ele é construído e vivenciado em todos os momentos por todos os envolvidos com o processo educativo da escola.

Acredita-se ser o projeto político-pedagógico uma possibilidade auxiliar para redirecionar da escola, da prática pedagógica do educador, para a construção e o dia-a-dia da escola.

Sendo assim, o planejamento participativo é um instrumento de potência para a escola, ajudando nos trabalhos do educador e na formação dos futuros cidadãos, para que possam intervir nos mais diferentes campos sociais, econômicos, sociais, culturais e políticos. Gandin (1995, p.28) compreende o planejamento participativo como: “Parte de uma leitura do nosso mundo, no qual é fundamental a idéia de que nossa realidade é injusta e de

que essa injustiça se deve à falta de participação em todos os níveis e aspectos da vida humana”.

Nesse sentido, o autor acredita que por meio da participação podemos mudar aspectos da sociedade e conseqüentemente da escola. Pensando assim, o planejamento participativo passa a ser visto como um instrumento possibilitador das discussões políticas no meio educacional.

O planejamento de ensino é um processo contínuo de pensar – querer – fazer a educação em dado momento e contexto humano e social. Processo que envolve a ação – reflexão – ação sobre o ensinar e aprender. Inicia com discussões para se ter clareza do que a Instituição pretende. A partir daí, vai abordando várias dimensões: a formação do ser humano que deseja; a do conhecimento produzido em construção coletiva e socializado e a concretização das dimensões anteriores em sala de aula, na relação professor e aluno; entre essas dimensões estão a articulação de planejar, realizar, avaliar e replanejar.

O Plano de Ensino, também denominado Projeto de Ensino, segundo Vasconcelos (2002, p.136):

É a sistematização de proposta geral de trabalho do professor naquela determinada disciplina ou área de estudo, numa dada realidade. Pode ser anual ou semestral, dependendo da modalidade em que a disciplina é oferecida.

Plano de Aula, ainda segundo Vasconcelos (2002, p 148):

É a proposta de trabalho do professor para uma determinada aula ou conjunto de aulas [...]. Corresponde ao nível de maior detalhamento e objetividade do processo de planejamento didático. É a orientação para o que fazer cotidiano [...]. Apenas lembramos que o plano poderá ter muito mais consistência e organicidade se estiver articulado ao Projeto de Curso e ao Projeto Político – Pedagógico[...].

É importante considerar que a transformação efetiva da realidade ocorre pela ação que, sem propostas idealizadas, sem planejamento não acontece. Os docentes correm o risco de ser apenas executores de algo que nem foi pensado por eles; quanto aos alunos, estes se tornam apenas receptores de algo distante de sua realidade.

3 PROCEDIMENTOS METODÓLOGOS

3.1 Objetivos:

Este estudo foi realizado no Instituto Educacional “Vida Nova”, da cidade de Pombal – PB, com 10 professores do ensino infantil e fundamental, com os seguintes objetivos:

- Analisar o processo de planejamento desenvolvido pelos professores no Instituto Educacional “Vida Nova”;
- Identificar as dificuldades vivenciadas pelos professores no cotidiano do planejamento escolar;
- Propiciar reflexões para aprimorar o planejamento escolar.

Este estudo de caráter exploratório tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere. Pressupõe-se que o comportamento humano é mais bem compreendido no contexto social onde ocorre. Nessa concepção, esse estudo tem um sentido geral diverso do aplicado à maioria dos estudos: é realizado durante a fase de planejamento da pesquisa, como se uma subpesquisa fosse e se destina a obter informação do Universo de Respostas de modo a refletir verdadeiramente as características da realidade. Assim, tem por finalidade evitar que as predisposições não fundadas no repertório que se pretende conhecer influam nas percepções do pesquisador e, conseqüentemente, no instrumento de medida. Não corrigido, este tipo de tendência poderá conduzir o pesquisador a perceber a realidade segundo sua ótica pessoal, de caráter técnico-profissional. A pesquisa exploratória, permitindo o controle dos efeitos desvirtuadores da percepção do pesquisador, permite que a realidade seja percebida tal como ela é, e não como o pesquisador pensa que seja, possibilitará uma aproximação do tema e reflexão sobre os problemas e desafios presentes no planejamento de ensino.

Após a coleta de dados será realizada uma análise na perspectiva quantitativa e qualitativa. Segundo Richardson (1999; p.70 e 79) “o método quantitativo, caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas”. O método quantitativo é - adequado

quando se deseja conhecer a extensão do objeto de estudo, do ponto de vista do público pesquisado. Aplica-se nos casos em que se busca identificar o grau de conhecimento, as opiniões, impressões, seus hábitos, comportamentos, seja em relação a um produto, sua comunicação, serviço ou instituição. Ou seja, o método quantitativo oferece informações de natureza mais objetiva e aparente. Seus resultados podem refletir as ocorrências do mercado como um todo ou de seus segmentos, de acordo com a amostra com a qual se trabalha. O instrumento de coleta de dados é o questionário, que pode conter questões fechadas (alternativas pré-definidas) e/ou abertas (sem alternativas e com resposta livre).

Segundo Richardson (1999; p.70 e 79) “o método qualitativo não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de um problema e têm como objeto situações complexas ou estritamente particulares”. O método qualitativo é adequado à investigação de valores, atitudes, percepções e motivações do público pesquisado, com a preocupação primordial de entendê-los, em toda a sua profundidade. Oferece informações de natureza mais subjetiva e latente, implicando não só numa análise do discurso do entrevistado, como também em sua postura mais global, diante de questões que lhe são colocadas. Não tem preocupação estatística, o método pode ser desenvolvido por discussões em grupo e entrevistas em profundidade, exigindo um profissional com capacidade técnica e habilidade comprovada para explorar de maneira eficiente e eficaz todos os conteúdos requeridos junto ao entrevistado, obtidos de maneira mais espontânea possível.

3.2 Instrumento de coleta de dados

Foram aplicados questionários contendo questões abertas e fechadas, junto aos professores visando “descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social” (Richardson, 1999 p. 189).

O tema foi trabalhado através de atividades diversificadas como: reflexão de textos, realização de técnica, exposições dialogadas e atividades grupais, como forma de fazer uma reflexão sobre o processo de planejamento de ensino, na prática pedagógica atual.

3.3 Caracterização do campo de estudo

O Instituto Educacional “Vida Nova” foi fundado em janeiro de 1993, por Alessandra Freitas Dantas de Sousa, coordenadora da Comunidade Remidos no Senhor. Durante um retiro do conselho da Comunidade Deus revelou o desejo de atrair as crianças para si, a fim de que, desde cedo, experimentassem a grandeza do Seu amor.

Sob essa unção de Deus, nasceu a Escola “Vida Nova”, que além de oferecer ensino regular buscando promover uma educação de qualidade, preocupa-se fundamentalmente em viver e formar uma espiritualidade que inspire nos corações pequeninos o amor a Jesus Cristo.

Durante os dois primeiros anos, a escola funcionou numa pequena casa localizada à Rua Teodósio de Oliveira Lêdo, atendendo inicialmente, a 52 alunos, distribuídos em turmas de Jardim a 1ª série. Após dois anos de funcionamento, a escola foi transferida para a Rua Jerônimo Rosado, antiga casa de Dr. Atêncio. A Escola está localizada à rua Joaquim de Sousa Filho, 47, na cidade de Pombal, e abrange atualmente o ensino fundamental (Jardim a 6ª série).

A cada ano, de forma progressiva, introduzia-se uma nova série, e em 1996, a instituição passou a ofertar ensino as primeiras séries iniciais do ensino fundamental (Jardim a 4ª série). Em 2001, considerando os apelos de crianças e seus respectivos pais para que estendesse o atendimento às séries subsequentes, foram implantadas a 5ª e a 6ª série.

Esta comunidade escolar está voltada para uma educação que vise à formação integral do aluno, levando-o a ser uma pessoa autônoma e livre, capaz de fazer escolhas verdadeiras, que glorifiquem o Senhor e tornem esse mundo feliz.

Funciona no turno manhã, são 67 alunos distribuídos na Educação Infantil e Ensino Fundamental. Os alunos pertencem, em sua expressiva maioria, à classe médio-baixa.. Enfrenta ainda um considerável índice de inadimplência o que gera uma limitação e afeta a administração financeira, exigindo de todos os profissionais que a compõem compreensão, esforço e criatividade na geração e gerenciamento de recursos.

Quanto aos aspectos físicos, a Escola dispõe de 07 salas de aula, funcionando sete turmas pela manhã (alfabetização a 6ª série), 01 diretoria, 01 sala de professores, 01 capela, 01 cozinha, 01 almoxarifado, 01 biblioteca, 01 cantina, 01 auditório, 01 secretaria, 05 banheiros. A Escola dispõe de 02 computadores, 01 televisão, 01 DVD, 01 vídeo cassete, 01 microsystem, 02 mimeógrafos e 03 impressoras.

A Escola não apresenta um espaço favorável para o desenvolvimento de algumas atividades e eventos especiais e, até mesmo, atividades curriculares como Educação Física, a ponto de recorrer a espaços de outras instituições para suprir essa limitação, enquanto viabiliza-se os meios para realizar as devidas reformas.

Está organizada em três dimensões: administrativa, pedagógica e evangelizadora, que não atuam isoladamente, mas de forma harmônica e prática, a fim de cumprir, com sucesso, a missão para qual foi criada.

O corpo administrativo é composto por 01 diretor, com 05 anos de serviço, formado em Licenciatura em Letras; 01 vice-diretora, 1 coordenadora pedagógica aluna acadêmica do curso de Pedagogia, Habilitação em Supervisão Escolar.

O corpo docente está formado por 10 professores, a formação desses educadores divide-se em: Licenciatura Plena e Ensino Médio com Formação para o Magistério, além de alunos que estão cursando. Na maioria dos casos, são professores com experiência na prática da docência, além de uma vivência cristã e a consciência do propósito pedagógico e missionário da Escola "Vida Nova" que é "gerar, dar a luz e fazer crescer" homens e mulheres, dotando-os do conhecimento e da graça para viver em plenitude a fé e a cidadania. O quadro de pessoal de apoio é composto por 03 funcionários: 01 guarda 01 porteiro e 01 responsável pela limpeza dos ambientes da Escola.

O Conselho Escolar e o conselho de classe são os dois órgãos colegiados que atuam na Instituição. Formado pelo diretor, vice-diretor, coordenadora pedagógica, representante de professor e pai de aluno, é responsável pela avaliação do processo escolar em todas as suas manifestações e por tomadas de decisões que definem os rumos da comunidade escolar; este formado pelos professores, tem como função acompanhar de forma integrada o desempenho do aluno em termos de aprendizagem, atitudes e procedimentos, e traçar caminhos para a superação de entraves que comprometem o seu desenvolvimento. Esse sistema de organização, por sua vez, está subordinado a uma instância superior, Comunidade Remidos no Senhor, que avaliza, orienta e determina o caráter e os direcionamentos da Escola. É evidente que o Instituto Educacional "Vida Nova" está inserido no Sistema Nacional de Educação, e, portanto, submetido às Diretrizes Nacionais e Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental.

Quanto ao planejamento didático, é desenvolvido semanalmente, sempre que possível, entretanto a participação dos professores não se dar em nível de discussão referente

à prática na sala de aula e da escola, fazendo assim com que alguns professores saiam do planejamento desanimados levando-o depois, a planejar a sua aula sozinho, sem ajuda do supervisor.

Percebe-se dessa forma que o supervisor não exerce a sua função, pois ele deve ser aquele que está constantemente em contato com os professores, planejando, acompanhando, controlando e avaliando suas atividades com o objetivo de incentivá-los para um melhor desempenho e, conseqüentemente, para a melhoria da prática educativa, é sem dúvida aquele que acompanha, assiste, coordena, controla, avalia e atualiza tudo o que diz respeito ao ensino e a aprendizagem

Em relação aos pais, pode-se dizer que, na maior parte, são pessoas com jornada de trabalho e apresentam uma visão pouco consistente no que se refere à missão da escola que envolve tanto o compromisso evangelizador de gerar nos corações das crianças e dos adolescentes que ora atendemos e de seus respectivos pais o amor e o temor por Deus, quanto o compromisso social de garantir uma educação de qualidade que venha a se constituir em uma resposta efetiva às exigências da sociedade de nosso tempo. Isso acontece quando não contribuem consideravelmente, tanto para a apreensão dos conhecimentos, pois não conseguem fazer um acompanhamento da vida escolar do filho, quanto para a formação moral e religiosa, uma vez que a sua configuração de valores contraria a mentalidade do Evangelho.

Acredita-se, enfim, que a Escola para exercer satisfatoriamente o seu papel precisa cultivar uma relação cooperativa com os pais e leva-los a compreender do ato de educar, o que necessariamente, apresenta-se como desafio a ser vencido. Para isso realizam-se reuniões bimestralmente. Essas reuniões são com pais e mestres, onde através de um acompanhamento individual o professor apresenta a situação do aluno avanços e dificuldades.

A Escola apresenta dificuldades:

- A estruturação das reuniões de planejamento, ou seja, “planejar o planejamento”, para que surja a possibilidade de uma reflexão crítica sobre a prática e uma transformação da mesma;
- Uma abertura e atualização do professor, para introduzir algumas mudanças no seu plano; um planejamento participativo e dialógico;

- Os professores não vendo resultados no planejamento e sentindo-se por ele dominados, resistem e atribuem a ineficácia ao planejamento em si e não ao tipo especial de planejamento que lhes é imposto;
- Não acontece o planejamento, pois os professores apresentam dificuldades em encontrar-se com o supervisor para juntos planejar de forma que haja também uma avaliação das atividades que são aplicadas, com o objetivo de incentivá-los para um melhor desempenho e, conseqüentemente, para a melhoria da prática educativa.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram coletados através de questionários junto aos professores que lecionam no Instituto Educacional “Vida Nova”, Pombal – PB.

Referente **a idade dos professores** - 20% deles tem entre 21 e 25 anos, 30% estão entre 25 e 30 anos, 30% compreendem entre 30 e 35 anos e 20% estão entre 35 e 40 anos. Observa-se que a maioria dos professores são considerados jovens.

Quanto **ao sexo** - 100% dos professores são do sexo feminino, com isso conclui-se que as mulheres têm predominância na Instituição.

Em relação **ao tempo de atuação como professor** – 40% estão entre 01 e 05 anos, 20% estão entre 06 e 10 anos, 20% compreendem entre 11 e 15 anos e 20% dos professores fazem apenas uma semana que estão atuando. Dessa forma, percebe-se que a maioria dos professores tem no máximo 01 a 05 anos, com algum tempo de atuação.

No tocante **ao nível de formação** – 30% dos professores estão cursando o nível superior nos seguintes cursos: 20% Ciências e 10% Letras. 40% dos professores concluíram o ensino superior, nos seguintes cursos: 20% História, 10% Geografia e 10% Pedagogia. 30% dos professores não possuem curso superior. Observa-se que a maioria dos professores tem curso superior e outros estão buscando enriquecer a sua formação.

Vale ressaltar que 20% dos professores que possuem nível superior, não atuam na sua área de formação, pois os mesmos são professores da 2ª, 3ª e 4ª série, sendo necessário ministrar outras disciplinas.

Segundo Paulo Freire (1998,p.35) “a formação é um fazer permanente que se refaz constantemente na ação”. A formação nunca se dá por uma acumulação. É uma conquista feita com muitas ajudas: dos mestres, dos livros, dos computadores. Mas depende sempre de um trabalho pessoal. Ninguém forma ninguém. Cada um forma-se a si próprio.

Com relação **à participação no planejamento da escola** – 50% correspondem aos professores e 40% outros (supervisora, diretor e a coordenadora pedagógica). Podemos observar que em se tratando daqueles que participam do processo de planejamento existe uma certa participação por parte daqueles que estão inseridos no contexto escolar.

Para 100% dos professores **o planejamento de ensino acontece** – de forma coletiva. Já que o planejamento é um organizar de idéias, um discutir, uma troca de experiências, podemos perceber a importância de estabelecer encontros para que os professores possam partilhar as suas experiências e abrir –se às experiências do outro.

Assim o trabalho coletivo é condição indispensável para que as atividades de sala de aula sejam devidamente planejadas e avaliadas, tendo em vista a direção comum que se pretende imprimir ao processo de ensino – aprendizagem.

Quantas vezes a equipe pedagógica se reúne para planejar durante o ano letivo – 90% disseram que se reúne mais de três vezes por ano, enquanto que apenas 10% se reúne duas vezes. Percebemos que os professores se reúnem de forma significativa.

Referente a freqüência que os professores se reúnem para planejar – 100% foram unânimes ao responder quinzenalmente.

Segundo 100% dos professores **existe acompanhamento pedagógico** no planejamento, o que facilita o andamento do trabalho, pois a supervisora escolar apresenta idéias e alternativas para desenvolver a aprendizagem do aluno.

Neste caso observamos que é importante a orientação e o acompanhamento do processo de planejamento, pois quando planejamos temos a finalidade de promover uma transformação no contexto pedagógico ou de realizar uma relação de ajuda.

Ao realizar as atividades do planejamento escolar você considera a realidade do aluno – 100% dos professores responderam que sim. Na visão da professora A : “Temos que planejar sempre de acordo com a realidade do aluno, senão o planejamento não será executado”. Segundo Libâneo (1994, p. 179): “É importante assinalar que a estruturação da aula é um processo que implica criatividade e flexibilidade do professor, isto é, perspicácia de saber o que fazer frente às situações didáticas específicas, cujo rumo nem sempre é previsível”.

Nesta perspectiva, é preciso partir da realidade do aluno e trazê-la para dentro da escola, através do planejamento. Não se trata, portanto, de planejar e dar aulas sobre os problemas da sociedade ou da comunidade local. Tão pouco é o caso de introduzir conteúdos a mais, mas transformar o tratamento dado aos conteúdos, de forma que possa atender as necessidades do aluno. E não adianta elaborar o planejamento tendo em mente apenas alunos ideais. É preciso avaliar o que a turma já sabe e o que ainda precisa aprender. Só assim o professor poderá realizar um planejamento com base em necessidades reais de aprendizagem.

No que diz respeito às **dificuldades encontradas para realizar o planejamento de ensino** – 30% dos professores não encontram dificuldades, enquanto que 70% dos professores encontram algumas dificuldades como: confecção de material didático, organização dos métodos e atividades, falta de material de apoio e de dinâmicas que sejam adaptadas aos conteúdos e recursos metodológicos. Percebemos que a maioria das dificuldades apresentadas pelos professores estão relacionadas à falta de recursos para trabalhar em sala de aula, isso se dar devido à situação financeira da escola.

Como você considera o planejamento de ensino – 90% dos professores consideram uma atividade necessária, 10% dos professores considera uma atividade obrigatória. Percebemos que um professor considera o planejamento uma atividade necessária e obrigatória. Com isso, percebemos o planejamento como uma atividade necessária para a ação do professor em sala de aula e para atingir os objetivos propostos.

O que você entende por planejamento de ensino – De acordo com a professora **A** planejar é: “em primeiro lugar avaliar o aluno como um todo e a partir das necessidades trabalhar ou planejar metas, objetivos, estratégias, conteúdos, etc”. Para a professora **B** “É a troca de experiências com outros professores. Planejar é também pesquisar e elaborar para que haja um bom ensino e uma boa aprendizagem”. Segundo a professora **C** “É um meio de se programar e organizar as ações do professor no decorrer do ensino”. Enquanto que para a professora **D** “Planejar é organizar previamente o que vai ser aplicado no dia-a-dia em sala de aula”. Daí percebe-se que o planejamento de ensino é um processo que envolve a ação concreta do professor.

Qual é a importância do planejamento de ensino – para algumas professoras:

A professora **G** expressa falou que:

O planejamento de ensino é importante, pois através dele o professor reflete sobre suas estratégias de ensino, planeja suas aulas, fazendo uma avaliação contínua do seu trabalho em sala de aula e desenvolve múltiplas atividades de aprendizagem.

A Professora **I**:

O planejamento é importante porque leva o professor a analisar, avaliar e aplicar os conteúdos de forma concatenada, programada e o livra do imprevisto e de coisas aleatórias.

A Professora J: “O planejamento proporciona momentos de pesquisa, reflexão, coordenação, possibilitando ao professor realização de um ensino de qualidade”. Observamos através das falas das professoras a importância do processo de planejamento para a atuação do professor. Os desafios aqui apresentados referente à prática do planejamento, são superados dia-a-dia. É comum no dia-a-dia a resistência, a sistematização do planejamento. Creio que em muitos casos, isso ocorre pelo desconhecimento da real importância do planejamento para a prática pedagógica.

Acredito que o ato de planejar não pode ser desvinculado da vontade do professor a mudança, a partir de sua participação o fazer pedagógico se torna transformador e o professor será capaz de vencer as barreiras impostas pelas condições que, muitas vezes, são apresentadas como a falta de recursos pedagógicos.

5 DISCUSSÕES E REFLEXÕES DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO

As atividades do Estágio Supervisionado foram realizadas no Instituto Educacional “Vida Nova”, escola privada da cidade de Pombal – PB. No primeiro momento foi apresentado o projeto de estágio e promovida uma discussão sobre as concepções de planejamento.

Ao apresentar o projeto, foi colocada a importância da participação e o comprometimento de cada um, para que o trabalho tivesse êxito. A seguir, fizemos uma leitura do texto: E por falar em planejamento da autora Maria Socorro Lucena Lima. Em seguida, lemos o texto carbonado para o planejamento, ao qual a autora faz referência. Depois orientei que cada grupo escolhesse uma pessoa, para apresentar o que foi debatido, e fizesse seus comentários sobre o texto lido, relacionando ao cotidiano escolar.

Prosseguindo as atividades iniciamos a discussão do texto momento que as professoras compartilharam suas experiências, dando indicações do dia-a-dia de suas práticas docentes. A professora “A”, em sua fala comenta que:

O que chamou mais atenção foram às indagações ao qual a autora faz no texto. Através dessas indagações fizemos uma avaliação da nossa prática, vemos que muitas vezes improvisamos as aulas, fazemos uma seqüência de conteúdos e pronto. Percebemos que o ato de planejar não está relacionado apenas ao contexto escolar, mas as diversas instâncias da vida do ser humano.

Em suas falas as professoras provocaram reflexões, pois ao expor suas opiniões, fizeram um relato da situação atual vivenciada na escola, quanto ao processo de planejamento. Percebe-se que a prática do planejamento vista como tarefa burocrática, pouco colabora com a ação diária desenvolvida na sala de aula, contribuindo assim para a sua desvalorização e o seu desuso.

Após a apresentação das discussões, tecemos comentários sem perder de vista o contexto escolar, e logo em seguida começamos a trabalhar as concepções de planejamento na visão das professoras e alguns autores.

Segundo as professoras, “o planejamento é um instrumento responsável pela organização do trabalho do professor”, “é como uma bússola que orienta o caminho a seguir”,

“é um instrumento utilizado para organizar a prática em sala de aula e alcançar os objetivos propostos, atendendo sempre as necessidades do aluno; o planejamento também é a previsão sobre o que irá acontecer, é um processo de reflexão sobre a prática docente, sobre seus objetivos, para que haja uma boa ação”.

Vimos que, em sua maioria, as professoras valorizam o planejamento e os momentos em que se reúnem para fazê-lo. Mas, que tipo de planejamento organizam? Qual tem sido a prática do planejamento?

No segundo encontro foi trabalhado o texto o ato de planejar de Menegolla e Sant’anna, cujo objetivo foi a importância e a necessidade do processo de planejamento para a prática do professor. [...] A discussão se deu através da leitura coletiva e reflexão do texto, em que as professoras destacaram alguns pontos importantes, e expuseram seus questionamentos.

Segundo as professoras: “Planejar é importante porque leva a uma reflexão.[...] É um momento que você pára para pensar na turma e no seu trabalho. É importante pela reflexão, e porque você acaba fazendo uma avaliação: será que posso fazer isso agora?” Planejar, então, segundo a própria professora, provoca repensar a prática exercida.

Segundo a professora “B”:

O planejamento é muito importante para a nossa prática, acredito que todos os educadores têm essa consciência, mas quando vamos para a prática parece que tudo muda, não sabemos ao menos como começar a planejar, perdemos tempo com conversas desnecessárias e quando menos se espera temos que ir embora, porque alguns têm compromisso. Ao chegar em casa, quase não temos tempo, preparamos uma atividade, marcamos outra e pronto, fizemos o nosso planejamento. Gostaria de aprender a planejar o planejamento, aproveitar os encontros para planejar as atividades e até mesmo preparar algum material concreto. Acredito em mudanças, por isso acredito também que estamos caminhando para isso.

A professora “C”:

O planejamento para mim é muito importante, percebo que quando consigo planejar as aulas, atinjo os objetivos, facilitando o processo de ensino – aprendizagem. Vejo o planejamento como uma prática de responsabilidade da ação do docente.

Após as falas das professoras, fizemos a seguinte indagação: por que planejar? “por que ajuda a definir os objetivos que atendam aos reais interesses da turma; possibilita a seleção e organização dos conteúdos que são significativos; permite organizar o que vai ser

estudado de um jeito lógico; garante a escolha dos melhores procedimentos e recursos; faz com que o professor atue com mais segurança em sala de aula; evita a improvisação, a repetição e a rotina; facilita a continuidade do ensino e auxilia o professor e alunos a tomar decisões de forma cooperativa e participativa. Observei que, embora os discursos das professoras reproduzissem sua prática, existe uma certa insatisfação por parte dos docentes, quanto a prática exercida na escola.

O terceiro encontro teve como objetivo conhecer as funções do planejamento, através da leitura e reflexão do texto planejamento de ensino numa perspectiva crítica da educação da autora Antonia Osima Lopes. Dando início as atividades trabalhamos uma dinâmica em que cada professora escrevia as funções do planejamento, como forma de valorizar os conhecimentos prévios. Aproveitando assim, para iniciar a discussão.

Segundo a professora “D”:

O planejamento serve como instrumento de melhoria do trabalho do professor; contribui para elevar a qualidade da ação pedagógica desenvolvida no âmbito escolar; possibilita ao professor maior segurança para lidar com relação educativa, que ocorre na sala de aula e na escola como um todo.

No quarto encontro trabalhamos o texto planejamento e condições objetivas do trabalho de Celso dos S. Vasconcellos, cujo objetivo é desenvolver reflexões sobre como é realizado o planejamento de ensino.

Dando início as atividades desenvolvidas, fizemos uma leitura do texto refletindo a prática exercida, destacando algumas questões a serem trabalhadas no texto como:

- ✓ Quais são as necessárias condições que a escola e o professor, precisa oferecer para realizar um trabalho digno e coerente?;
- ✓ As reuniões pedagógicas que são espaços necessários e privilegiados para a reflexão crítica e coletiva, sobre a prática de sala de aula e da escola, bem como para o replanejamento;
- ✓ A necessidade de ir por passos, não querendo transformar tudo de uma só vez.

Através desses pontos surgiram alguns questionamentos das professoras, quando elas falam que: “a escola não oferece na maioria das vezes condições para que o professor

possa trabalhar uma aula inovada, não tem recursos didáticos, nem condições financeira para obtenção dos mesmos; o professor é muitas vezes levado ao comodismo, dar uma aula que não tem nada de motivadora, levando os alunos a um desestímulo; percebo que muitas vezes o professor quer ver as mudanças de imediato, mas não possibilita que essas mudanças aconteçam, quantas vezes reclamam porque o horário para o planejamento não é muito bom, nos reunimos e não produzimos nada, perdemos tempo só em ir para a escola; tudo isso é uma falta de colaboração para que mudanças aconteçam, na visão de Celso dos S. Vasconcellos (2000) “é preciso ter paciência, caminhar por passos, mas colaborando para que essa situação mude”.

Na oportunidade, procuramos também enfatizar as resistências que são apresentadas quanto ao processo de planejamento: falta de tempo para planejar, preocupação com soluções imediatas, falta de habilidade em planejar. Fizemos uma relação entre conseqüências da falta de planejamento: reforço a rotina, baixa eficiência e eficácia do trabalho, a imprecisão na definição dos rumos a tomar.

Todas essas reflexões foram feitas através da visão do autor ao qual descreve no texto, e a visão dos professores que são expostas segundo a prática exercida na escola. Percebemos que o planejamento é um processo que precisa ser repensado, para que produza frutos quanto ao desenvolvimento do trabalho do professor. Lembrando que o professor precisa considerar a realidade do aluno, seus conhecimentos prévios, sua dificuldade quanto ao nível de aprendizagem.

No quinto encontro trabalhamos a relação entre o processo de planejamento e avaliação, fazendo a leitura do texto a avaliação no planejamento do autor Danilo Gandin, cujo objetivo é reconhecer que o processo de planejamento inclui no processo de avaliação. É preciso avaliar o processo de planejamento, a avaliação não serve apenas como instrumento para observar a aprendizagem do aluno, mas serve também para que o professor possa refletir sobre o desenvolvimento do processo, a forma como estão sendo realizados, as atividades que podem ser aplicadas na referida série, o desempenho do professor, etc.

As professoras apresentaram suas reflexões da seguinte forma: “Temos em mente que o processo de avaliação, é um instrumento através do qual o professor mede a aprendizagem do aluno”. Vimos que a avaliação é um processo que deve está presente continuamente na vida do professor, avaliar a sua pratica, sua atuação, seu desempenho, seus resultados quanto à transmissão de conteúdos, tudo isso está relacionado ao processo de avaliação; No entanto, até que ponto, nós professores refletimos sobre nossas ações cotidianas

na escola, nossas práticas em sala de aula, sobre a linguagem que utilizamos aquilo que pré-julgamos?.

É fundamental aplicar o processo de avaliação na prática do planejamento; avaliar é necessário é uma condição para a mudança da prática e continuidade do desenvolvimento do trabalho; avaliar faz parte do processo de planejamento: não planejamos sem avaliar, não aprendemos nem ensinamos sem avaliar.

Falar em avaliação implica, antes de se pensar em como avaliar, refletir acerca do porquê e para que avaliar. Será que sabemos para que avaliamos? Avaliar não é tarefa simples é uma tarefa complexa, didática, necessária e permanente do trabalho docente que não se resume a realização de provas e atribuições de notas.

O sexto encontro emergiu da discussão sobre o planejamento participativo na escola, cujo objetivo era reconhecer a sua importância e refletir a prática desse processo, identificando a dimensão política e pedagógica.

O encontro começou com uma atividade de sensibilização: as professoras ao som da música Aquarela, de Toquinho, montaram um trem, cujos vagões formavam as palavras “metas”, “estratégia”, “projetos”, “avaliação” e “vontade”, entre outras. Os que ficaram vazios foram preenchidos à mão com termos como “ousadia”, “comprometimento” e “responsabilidade” quando pedi para que apresentassem sugestões uma professora falou que: “Um trem é composto de várias partes mas todas rumam para o mesmo destino. Ele não é perfeito – e nem deveria ser, pois foi construído por um grupo formado por indivíduos distintos”.

Em seguida, fizemos uma leitura do texto planejamento participativo: uma maneira de pensá-lo e encaminhá-lo, da autora Ilma Passos A. Veiga, com o objetivo de discutir sobre a construção do projeto político pedagógico da escola, segundo a LDB/ Lei 9.394/96 que; “dar a incumbência aos estabelecimentos de ensino elaborar as suas propostas pedagógicas e aos docentes a participação na elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino.

Iniciamos a discussão em que as professoras falaram que foi dado início a construção do Projeto Político – pedagógico da escola, só que foi em gaveta, por falta de tempo para concluir a construção. Temos consciência que muito ainda falta para atingirmos os objetivos traçados.

Perguntei para as professoras qual a importância de elaborar o Projeto político pedagógico?

Segundo a professora “A”:

A elaboração do projeto político pedagógico nas escolas é muito importante, uma vez que esse documento vai direcionar as ações educativas. Penso que um planejamento é sempre participativo, na medida em que envolve ou deve envolver o (diretor, coordenador, professor, etc). É importante que tenha alguém que saiba coordenar, seja democrático; que todos possam expressar suas dúvidas e perspectivas.

Para a professora “B”:

O processo não é fácil, pois envolve sempre muitas pessoas com idéias e visões de mundo diferentes. Mas é a única maneira de construir uma identidade coletiva representativa. O aluno não é apenas de uma professora – ele é de toda a escola. Só o trabalho coletivo vai fazer o aluno avançar em sua aprendizagem. É preciso entender este documento como algo importante para a escola e para a comunidade. Deve ser um compromisso intencional, definido coletivamente, em processo permanente de discussão e reflexão.

Sem pretender esgotar as dificuldades apresentadas no processo coletivo de construção do projeto político pedagógico da escola, algumas merecem ser consideradas, tendo em vista a necessidade de encontrar formas para superá-las. Uma dificuldade bastante evidenciada foi apresentada pela professora “B” que disse:

Uma das grandes dificuldades que enfrentamos quanto a elaboração do projeto político foi à resistências as mudanças por parte dos professores e dos pais, a forma de crença na nova forma de trabalhar que exige empenho, persistência e muita luta, em torno daquilo que se quer conseguir.

Através do texto percebemos que a autora, busca dar uma dimensão política ao ato pedagógico, enquanto fazer escolar, buscando com isso, que se tenha uma intencionalidade no planejamento escolar e que essa intencionalidade possibilite o engajamento de todos os atores envolvidos nas ações educacionais. Portanto, o político e o pedagógico, sempre devem andar juntos, quando se tratar de uma ação intencional de educação escolar.

No sétimo encontro trabalhamos o texto sala de aula: planejar ou improvisar? Cujo objetivo foi reconhecer a importância de adequar o planejamento ao cotidiano escolar.

O título do texto já remete a uma reflexão, daí surgiu vários questionamentos diante de tal indagação. Entre elas podemos citar as falas das professoras:

Segundo a professora "C":

Eu me organizo a partir dos objetivos, do que eu quero, sem seqüência, quer dizer, tem até uma seqüência de complexidade, mas não é rígida. No entanto, depois de começada a ação, fico atenta à solução dos problemas que surgem, à correção de decisões que se mostraram erradas ou às situações inesperadas, replanejando constantemente.

A professora "A" falou que:

É importante estar consciente de que haverá a necessidade de adaptar os nossos planos, flexibilizar, quando interagimos com os alunos, adaptar o planejamento a realidade da sala de aula é estar aberto para as situações novas que possam surgir durante a execução do processo.

As questões relacionadas acima, freqüentemente aparecem associadas a uma perspectiva de flexibilidade do planejamento. Neste sentido, por exemplo, temos manifestações das professoras sobre sua preocupação em "cumprir o planejado" (rigidez) ou em aproveitar uma "demanda" construída junto aos alunos (flexibilidade). Segundo uma das professoras "a flexibilidade do planejamento deve considerar também o contexto no qual ocorre o trabalho do professor, contemplando "imprevistos" que surgem na escola".

Apesar das referências à complexidade na sala de aula apresentarem-se explicitamente em muitas situações, uma certa preocupação por parte dos professores em querer planejar as suas aulas, não improvisar e flexibilizar o planejamento para que ele possa ser adaptado quando preciso à necessidade do aluno.

O oitavo encontro se deu com o objetivo de trabalhar os tipos de planejamentos e planos, através do texto planejamento, plano, projeto. Uma tipologia do autor Paulo Roberto Padilha. De início fizemos uma leitura do texto, observando as definições apresentadas, em seguida relacionamos cada um de acordo com a prática do professor.

CONCLUSÃO

Durante o desenvolvimento deste trabalho realizamos estudos e reflexões sobre o planejamento de ensino, como forma de aprimorar os conhecimentos na visão de vários autores, rediscutindo concepções e práticas.

A participação dos professores, do Instituto Educacional “Vida Nova”, em muito contribuiu para a concretização deste trabalho, os momentos de reflexões e discussões foram essenciais para o desenvolvimento das atividades de estágio.

Em cada encontro podemos observar o compromisso e a responsabilidade de cada um, durante as atividades realizadas, percebemos o interesse dos professores em partilhar desafios e dificuldades que enfrentam no cotidiano escolar, propiciando assim trocas de experiências.

O estágio foi avaliado pelos professores como um momento privilegiado, pois possibilitou o contato com situações reais, através dos questionamentos, foram apresentados conhecimentos prévios dos professores, o contato com discussões teóricas e o trabalho coletivo.

A relevância deste trabalho para além do ato de ensinar, proporcionou um olhar diferente para o processo de aquisição do conhecimento, na medida em que a ação docente não pode ser desvinculada da ação do educando.

Todos os professores foram unânimes em reconhecer que a realização deste trabalho contribuiu para uma mudança do fazer pedagógico, conforme expressam em suas falas:

A professora A expressa que:

Os encontros contribuíram para que eu pudesse refletir sobre a prática do planejamento. Percebo que nunca sei o bastante, é preciso estar em constante abertura para acolher outros saberes, preciso ser responsável com esse processo porque o resultado depende de mim.

A professora C coloca que:

Vejo que esses momentos foram importantes para minha caminhada profissional, contribuiu na minha formação e levou-me a desejar fazer a coisa certa, não realizar de qualquer jeito, apenas para cumprir uma tarefa que me foi imposta. Essa postura é a que preciso assumir de agora em diante, pois quando conhecemos o certo precisamos fazer o possível para por em prática.

A professora E aponta que:

A maior dificuldade encontrada é como planejar aulas de forma a atender as necessidades dos meus alunos? Hoje tenho o desejo de debruçar melhor nesse processo, conhecer, estudar, pôr em prática aquilo que eu aprendi durante esses dias de encontro com as experiências das minhas colegas de trabalho.

Esses depoimentos revelam que os professores precisam indagar-se constantemente sobre o sentido e o papel do planejamento na escola, o quanto é necessário está nesse processo de construção do sentido.

Como diz Celso Vasconcellos (2001, p.52):

O sentido não está pronto em algum lugar esperando ser descoberto. O sentido não advém de uma esfera transcendente. É uma construção do sujeito. Daí falarmos em produção. Quem vai produzir é o sujeito, só que não de forma isolada, mas num contexto histórico e coletivo.

A mudança do fazer pedagógico depende do compromisso de cada um, independente das dificuldades, pois elas são elementos essenciais para assumirmos a luta e o compromisso com o educando, procurando superar as dificuldades e construirmos uma educação de qualidade, de transformação que esteja preocupada em uma formação crítica, reflexiva e construtiva, do cidadão consciente de sua responsabilidade com o mundo e com a sociedade em que está inserido.

Ao concluir este trabalho de natureza teórico prático, estou muito satisfeita com o aprendizado que adquiri durante a troca de experiências com os professores do Instituto Educacional “Vida Nova”. Acredito que amadureci e ampliei os meus horizontes, com relação ao planejamento e sua prática pedagógica.

O estágio contribuiu para a construção de um novo processo de planejamento na escola, propiciando assim uma mudança de mentalidade e ruptura com uma cultura pré-estabelecida. Precisamos reconhecer, com humildade que há muitos desafios a enfrentar.

Para tanto, a atualidade das reflexões de Paulo Freire busca compreender as dificuldades dessa sociedade no processo de mudanças ocorridas no contexto escolar. Assim, qualquer discussão sobre o planejamento de ensino precisa ser intermediada pela discussão sobre o ensino, a forma como o professor está lidando com a produção do conhecimento a partir da prática em sala de aula, na perspectiva do professor reflexivo ou pesquisador.

Concluo com o pensamento do educador Paulo Freire, que tanto nos faz refletir sobre o nosso cotidiano escolar, suas necessidades e buscas. Na compreensão de Freire (1987, p.68) “Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro sem educadores”.

REFERÊNCIAS

DALMÁS, Ângelo. **Planejamento participativo na Escola- Elaboração, acompanhamento e avaliação**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FERREIRA, Francisco Whitaker. **Planejamento Sim e Não**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo et SHOR, Jra. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 5ª ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FUSARI, J.C., **O papel do planejamento na formação do educador**. São Paulo, SE/CENP, 1989.

GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____; GANDIN, Luís Armando. **Temas para um Projeto Político-Pedagógico**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Aprendiz da prática docente: a didática no exercício do magistério**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

LUCK, Heloisa. **Planejamento em Orientação Educacional**. Petrópolis: Vozes, 1991.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar? Currículo – Área – Aula**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2005

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento Dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola**. 4 ed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2003.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento: projeto de ensino – aprendizagem e projeto político-pedagógico**. 7 ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (orgs). **Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível**. 11 ed. Campinas: Papirus, 1995.

Anexo

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAIBA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
ESTAGIARIA: MARIA DE FATIMA ALCANTARA DE ARAUJO
DISCIPLINA: ESTAGIO SUPERVISIONADO EM SUPERVISÃO ESCOLAR

Caro professor(a)

Este questionário tem como objetivo coletar informações referentes ao processo de planejamento escolar, desenvolvido nas séries iniciais do ensino fundamental. Neste sentido, a sua colaboração ao responder o referido questionário é de fundamental importância para o desenvolvimento do nosso trabalho.

Atenciosamente agradecemos a sua colaboração.

QUESTIONÁRIO

Dados pessoais/formação escolar

Idade: _____

Sexo: _____

Tempo que atua como professor(a): _____

Formação: () nível médio – qual? _____

() nível superior – qual? _____

1 – Quem participa do planejamento da sua escola?

() professores

() diretores

() alunos

() outros

2 – O planejamento de ensino acontece de que forma?

() individual

() coletivo

() outros. Quais?

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAIBA

3 – Durante o ano letivo, quantas vezes a equipe pedagógica se reúne para planejar?

nenhuma vez uma vez duas vezes três vezes mais de três vezes

4 – Com que frequência os professores se reúnem para planejar?

semanalmente

quinzenalmente

mensalmente

bimestralmente

semestralmente

não existe planejamento

5 – No planejamento existe acompanhamento pedagógico?

sim não

Justifique: _____

6 – Ao realizar as atividades de planejamento escolar você considera a realidade do aluno?

sim não

Justifique: _____

7 – Você encontra dificuldades para realizar o planejamento de ensino?

sim não

Quais? _____

8 – Você considera o planejamento de ensino como uma atividade:

obrigatória

não obrigatória

necessária

() desnecessária

() burocrática

9 – Para você o que é o planejamento de ensino?

10 – Qual a importância do planejamento para você?
